



escritos
indígenas

A história da origem espiritual dos povos indígenas do Uaupés

The story of the spiritual origin of the indigenous peoples of Uaupés

Israel Fontes Dutra*

Ao descrever a história de origem dos povos indígenas do Uaupés narrada pelo Tuyuka Avelino Dutra (2007)¹, tivemos que omitir alguns termos utilizados em rituais de pajelança, devido a nossa falta de conhecimento mais aprofundado dessa linguagem que denominamos de “clássica”. Essa linguagem é constituída de palavras que não são do senso comum. Mesmo que façamos parte de um povo, existem linguagens, valores e costumes que apenas os mais velhos vivenciam.

A história que em seguida descrevemos conta a origem espiritual dos povos indígenas do Uaupés, na Casa da Emergência de *Ohkó Diawi*, localizada no baixo rio Uaupés, noroeste amazônico: Arapaso, Bará, Barasano, Daw, Desano, Hupda, Karapanã, Kubeo, Makuna, Miriti-tapuya, Pira-tapuya, Siriano, Taiwano, Tatuyo, Tukano, Tuyuka, Wanano, Yuhupe, Yuruti etc. Essa história constitui o fundamento do ser indígena e dos rituais de pajelança do Uaupés. É a versão Tuyuka que poderá contribuir para melhor compreensão dos princípios espirituais do ser indígena do Uaupés².

¹ Este artigo foi retirado e adaptado da minha dissertação de mestrado, defendida em 28 de maio de 2010, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, sob a orientação do Prof. Dr. Rinaldo Sérgio Vieira Arruda.

² A história foi narrada por meu pai Avelino Dutra (pajé *kumu*) e documentada por mim, durante a pesquisa de campo em 2007, na comunidade indígena de Pari-Cachoeira, alto Tiquié, durante o mestrado. Meu pai narrou na língua Tuyuka.

* Mestre em Geografia Humana pela USP, 2009, e Mestre em Ciências Sociais pela PUC/SP, 2010. E-mail: israeltuyuka@yahoo.com.br

Aqui é assim.

Conforme já te contei várias vezes essa história, a Canoa da Emergência (*Pam̄r̄r̄i Yohkosoró*) veio do outro lado do oceano Atlântico. Trouxe grupos humanos que seriam criados e povoados neste novo continente. A Canoa foi conduzida por quatro irmãos que eram seres espirituais: *Pam̄r̄r̄i Pinō*, *Āhs̄iṣpōā Nēhk̄t̄t̄*, *Yarebo* e *Mūiṣp̄r̄i Pinō*.

Lembre-se de que o projeto de criação dos seres humanos, a transmissão de conhecimentos tradicionais, dos rituais de pajelança e benzimento, a criação dos pajés (*yaṭwa*, *bayarōa* e *mahs̄ākt̄ra yaṭwa*), a criação das primeiras mulheres indígenas do Uaupés, a distribuição de *kahpi*, tabaco, pinturas, de mulheres, das bebidas alcoólicas e de instrumentos musicais, ocorreu no mundo sobrenatural. Esse era o mundo de seres espirituais. O trabalho de criação não aconteceu neste mundo terreno. Nessa época só existiam deuses, seres espirituais. Os quatro irmãos não eram os únicos seres espirituais existentes neste mundo. Em quatro cantos do mundo existiam outros sábios e seres espirituais como eles, que também eram netos de Deus do Universo (*B̄t̄rekó Nēhk̄t̄t̄*).

Os quatro irmãos eram sábios, pajés e mestres de cantos e danças tradicionais, dotados de conhecimentos e forças espirituais. Foram criados por Deus para serem responsáveis na execução do projeto de criação e povoamento de seres humanos neste continente. Pelo fato de serem netos de Deus, não tinham medo de outros seres espirituais existentes na Terra, porque sabiam que o Avô (Deus) estava sempre com eles.

Entre os quatro irmãos, cada um foi criado para assumir uma função complementar. Por exemplo, o *Pam̄r̄r̄i Pinō* era o chefe, irmão maior e principal responsável pelo projeto de criação e povoamento de grupos humanos; o *Āhs̄iṣpōā Nēhk̄t̄t̄*, segundo irmão, foi escolhido por Deus e enviado por seu irmão maior para criar povos indígenas das regiões andinas; o *Yarebo*, terceiro irmão, foi escolhido por Deus para ser o pai dos alimentos que criaria e espalharia plantas frutíferas em várias regiões da Amazônia; e *Mūiṣp̄r̄i Pinō*, o irmão caçula, foi escolhido por Deus das Pedras (*H̄ht̄ā Nēhk̄t̄t̄*) para ser o pajé dos rituais de habitações e fertilidade da terra, rituais considerados imprescindíveis para a sobrevivência indígena.

Até no momento que a Canoa da Emergência aportou neste continente, ainda não existia divisão entre os quatro irmãos nem de grupos humanos. A Canoa ao chegar aqui atracou em uma das praias do litoral paulista, onde, segundo pajés do Uaupés, está localizada a primeira Casa da Emergência que se chama *Diasih̄ti Mahk̄āwi*. Nós, Tuyuka, chamamos essa Casa de *Diasih̄ti Mahk̄āwi*, *Dia Ōh̄ēpk̄ō Taró*. Os Tukano a chamam de *Diá Ōh̄ēpk̄ō Dihtaró*.

O *Pam̄r̄r̄i Pinō* era chefe dos Tukano (*Dahs̄eā*) e falava a língua Tukano. Ele aportou a Canoa da Emergência em uma das praias do litoral de São Paulo. Não sei como é o litoral de São Paulo, se tem praias ou não, não sei. A gente fala onde ficam os lugares históricos, onde *Pam̄r̄r̄i Pinō* passou com a Canoa da Emergência, no entanto pessoalmente nunca vimos. A única certeza que temos é que esses lugares existem.

O *Pam̄r̄r̄i Pinō* era um deus, um ser espiritual. Possuía muitos poderes espirituais, com os quais podia realizar diversas criações e povoamentos sem a ajuda de outros sábios. Sentia-se tão poderoso a ponto de esquecer o seu Avô (Deus) e capaz de enfrentar sozinho quaisquer ameaças de seres espirituais externos que existiam nessas regiões. Acreditava que jamais precisaria a colaboração de quaisquer outros

seres espirituais que poderiam contribuir na criação e no povoamento de grupos humanos. Além disso, nunca deu valor aos seus irmãos, que também estavam ao seu redor, prontos para ajudá-lo. Ele se achava auto-suficiente, era arrogante e egoísta, quis fazer tudo sozinho, do seu jeito; até esqueceu que seu Avô existia.

O *Pamṛrī Pinō* se considerava o mais sábio, o mais forte e mais poderoso, quis ignorar que o mais poderoso entre todos os poderosos do universo era o seu Avô. Diante de seu Avô, ele não era nada, apenas mais um neto incumbido de realizar o projeto de criação de novos grupos humanos na Terra.

O modo como pensou em conduzir a criação de grupos humanos não deu certo, porque não era tão poderoso para enfrentar a força espiritual da Porta da Emergência de *Diasihiti Mahkāwi*, que estava sob a guarda de um ser espiritual chamado *Sē* que Deus colocou. A Porta da Emergência de *Diasihiti Mahkāwi* era uma porta de pedra de mármore. Ninguém, nenhum ser normal ou quaisquer seres espirituais da Terra podiam ultrapassá-la. A porta era a única via de acesso para a emergência de novos grupos humanos para este continente. Era a única porta para que *Suniā Pārāmī* entrasse com grupos humanos para depois criar e fazer emergir em diversas Casas das Emergências (*Pamṛrī Wihseri*) espalhadas ao longo deste continente.

O primeiro obstáculo que *Pamṛrī Pinō* enfrentou ao tentar adentrar no novo continente foi a força espiritual do Portão da Emergência da Casa da Emergência de *Diasihiti Mahkāwi*. Antes de tentar abrir o Portão, *Pamṛrī Pinō* juntou todas as suas forças espirituais materializadas em seus enfeites e adornos para se adornar e se tornar poderoso. Enfeitou a sua cabeça com um cocá (*stō dthpṛ*); em suas orelhas colocou um par de brincos de ouro (*yohsaripī*); em seus ouvidos introduziu objetos espirituais, fontes de sabedoria, que pareciam pequenas flores (*wihṭōkōri*); enfeitou-se com peças artesanais de miçangas (*ñahkē kare*). Cada objeto formava o conjunto de seus poderes espirituais. Depois, pegou seu bastão de poderes espirituais (*yuhkṛ behsure*), com o qual cravou na parte lateral do Portão para abrir.

O *Pamṛrī Pinō* queria demonstrar aos sábios da Terra que era poderoso e que não precisava da ajuda de ninguém. Por isso, tentou usar apenas seus poderes para abrir a Porta da Emergência e, assim, conduzir os grupos humanos para dentro do continente. No entanto, percebeu que a Porta era muito forte, dura e poderosa. Antes dele nenhum outro ser espiritual ousou ultrapassá-la, porque a força espiritual que a sustentava era a própria força de Deus presente nela através do ser espiritual *Sē*.

Até aí ainda não existiam diferentes grupos humanos: Tukano, Desano, Tuyuka, Wanano, Tariano, Miriti-tapuia, Siriano, Karapanã, Barasano, Maku e todos os outros povos que habitam neste continente. Existia apenas uma só língua. Ninguém dizia que esse ou aquele era Barasano, Tuyuka, Desano, porque não havia povos diferentes.

O *Pamṛrī Pinō* queria passar de qualquer jeito pelo Portão da Emergência (*Pamṛrī Solhpé*). Como falei para você, essa Porta (*Pamṛrī Solhpé*) ficava em *Diasihiti Mahkāwi*; ninguém podia passar por ela; era uma Porta de pedra muito dura, projetada pelo *Suniā Ñehkṛ*. O *Suniā Ñehkṛ* sabia que o seu neto tentaria passar pela Porta da Emergência sem perguntar-lhe se isso daria certo ou não, por isso projetou a porta como prova de sua existência.

Antigamente, muitos pajés (*yaíwa* e *baserá*) ainda conseguiam visualizar o local da Porta da Emergência e a essência de sua força espiritual por meio de rituais.

Segundo pajés (*yaíwa* e *basera*) Tuyuka, a Porta constitui pura força espiritual de pedras (*Ḥhtā Wehtiri Sohpe*), força espiritual de reflexos de espelho (*Ēñō Wehtiri Sohpe*), força espiritual do fogo e da fumaça (*Pehká Omēkodá Wehtirisohpe*) e força espiritual dos rituais de pajelança (*Yaí Wehteri Sohpe*). Hoje, se fôssemos verificar a existência da Porta da Emergência com os olhares normais e humanos, encontraríamos apenas uma pequena pedra, com formato de uma porta, que deve estar em algum ponto das montanhas que cercam o litoral paulista.

Na visão espiritual de *Pamṛrī Pinō* e seus irmãos (*Āhsīpoā Nēhkṛ*, *Yarebo* e *Muīpūrī Pinō*), a Porta era muito estreita. Atualmente, alguns pajés (*yaíwa* e *basera*) ainda conseguem visualizar a Porta da Emergência na hora que realizam os rituais de pajelança, e por meio de sonhos ou sob o efeito da *kahpi* e *wiō* (substância alucinógena, talvez a mais potente, consumida somente por pajés). A porta, aparentemente pequena, para o *Pamṛrī Pinō* e seus irmãos, era muito poderosa e impossível de ultrapassá-la com simples poderes que possuíam. Além de parecer estreita, a parede de rocha que constituía a Porta tocava o céu e na parte subterrânea não tinha fim, e ultrapassava os limites do leste e oeste do planeta Terra. Não tinha por onde desviar. A única maneira de entrar neste continente era passar por Ela. Foi isso que o *Pamṛrī Pinō* tentou fazer, usando seus únicos poderes, mas o seu bastão espiritual não aguentou a força espiritual do Portão da Emergência, quebrou.

Essa era a Porta que o próprio Deus (*Suniā Nēhkṛ*) colocou para que o seu neto enfrentasse, vencesse e ultrapassasse para poder criar nós, indígenas, que habitamos este continente americano. O objetivo de Deus foi de testar os conhecimentos e os poderes de seu neto, que era arrogante e se considerava autossuficiente. Vendo que seu neto o ignorava e desprezava a ajuda de outros sábios da Terra, Deus (*Suniā Nēhkṛ*) *Bṛhpó Nēhkṛ* (Avô do Trovão), *Ḥhtā Nēhkṛ* (Avô das pedras), *Bṛrekó Nēhkṛ* (Deus do Tempo e do Universo), pensou: 'Quero ver como meu neto conduzirá os humanos e seus irmãos'. *Suniā Nēhkṛ* era avô de *Pamṛrī Pinō*. Por isso também, *Pamṛrī Pinō* é chamado de *Suniā Pārāmī*.

O *Suniā Pārāmī* sentiu que podia ultrapassar a Porta, mas, antes de iniciar a entrada, fumou tabaco, comeu ipadu e bebeu caxiri. Em seguida, pegou seu bastão de poderes e tentou abrir pela primeira vez a Porta, porém o Portão era tão forte que em poucos segundos o bastão se entortou. Foi primeira tentativa de *Pamṛrī Pinō*, mas não conseguiu abri-la a tempo de fazer os grupos humanos passarem. Nessa primeira tentativa, *Suniā Pārāmī* já perdeu o primeiro grupo humano que se transformou em seres espirituais.

Depois de perder primeiro grupo, parou e pensou: 'Por que aconteceu isso?' Apesar do primeiro fracasso, tentou abrir o Portão pela segunda vez, também não conseguiu. Mais uma vez, o bastão amoleceu e a porta se fechou em poucos segundos, foi quando perdeu o segundo grupo humano. Tentou pela terceira vez e, de novo, o bastão amoleceu, a porta se fechou e ele perdeu o terceiro grupo.

Pamṛrī Pinō queria levar os futuros humanos para dentro do novo continente, para criar e povoar, no entanto, nas três tentativas que fez não conseguiu vencer a Porta da Emergência. Por causa da perda desses grupos humanos, que a Casa da Emergência de *Diashti Mahkāwi*, a Porta da Emergência se chama *Dianuhīriāwi*, em tukano, porque foi a casa e a porta onde o poderoso bastão de *Suniā Pārāmī* amoleceu

e sucumbiu diante da força da *Pam̄r̄i Sohpe* (Porta da Emergência). Desde então a casa é denominada de *Dianuhiriāwi Mihs̄pewi* e *Kahpi Mihs̄pewi*. Para nós, Tuyuka, essa casa se chama *Diakameñāriwi*.

Após três tentativas, *Suniā Pārāmī* parou, pensou e lamentou as perdas e, em seguida, pegou o seu *yuhk̄ behsure* (bastão de poderes), colocou ao seu lado, retirou os ornamentos e adornos do seu corpo, ficou somente com um cocar na cabeça. Em seguida, fumou e defumou o seu corpo com o tabaco, parou mais uma vez para refletir diante de tudo que havia acontecido com ele, até aquele momento. Ele ainda tinha dentro dele a força espiritual do seu coração.

O *Pam̄r̄i Pinō* estava muito decepcionado e triste consigo mesmo. Pensou melhor e disse: Por que não deu certo? Naquele momento, percebeu que fracassou; reconheceu seu limite e erro por ter negado a ajuda de outros seres espirituais e de seus irmãos. Em seguida, preparou-se para ir perto de seu Avô. Olhou para o céu e pensou Nele. Olhou para o oceano Atlântico e pensou na terra de onde saiu com a Canoa da Emergência. Olhou para o norte, para o sul, leste e oeste, e voltou a se indagar e falou consigo mesmo: ‘Tentei fazer do meu jeito, mas não consegui. Antes sempre achei que poderia criar grupos humanos sozinho, mas não deu certo como planejei. Até agora já perdi três grupos humanos. Isso não é bom, porque se eu continuar desse jeito perderei mais pessoas. Por isso, vou atrás do meu Avô para receber orientações e pedir mais poderes para na volta conseguir vencer o Portão da Emergência’.

Os três grupos humanos que se perderam em *Diasih̄ti Mahk̄āwi* são os *Waí-Mahs̄ā* (seres sobrenaturais): *diht̄ā wihseri mahk̄ārā* (espíritos da terra); *diyari mahk̄ārā* (os espíritos que vivem no mundo aquático); outros são *wāhtiā-mahs̄ā* (curupiras). Esses se tornaram nossos inimigos e rivais, porque não conseguiram se tornar pessoas como nós, humanos. Por isso, fazem aparecer constantemente doenças desconhecidas pelo mundo. O surgimento delas revela a raiva que os esses espíritos têm contra os seres humanos. Os *Waí-Mahs̄ā* dizem o seguinte: ‘Esses humanos pensam que são gentes, mas nós que éramos os primeiros, os chefes deles, só que para nós não deu certo. Agora que são gentes querem brincar conosco’.

Alguns desses espíritos são os que sempre conto para você: *dihtiroa, kayarōa, yahkominiā, waik̄rastira, pusiria, ěm̄t̄ā, yām̄t̄ā, mayarōa, nimayua, yuhk̄buemihs̄iā, buemihs̄iābahsiroa, sē, dahsé* (tukano), *nenirō, wā, konepihk̄ō, yāmiká barero, diatuñoā, buā* (pombo), *watoropoa, ohsó* (morcego), *ohsó pahk̄* (morcego gigante), *muĩp̄t̄ duru, ohk̄ōrot̄, b̄t̄hp̄t̄pahk̄ó* (coruja)³. Esses são espíritos que ficaram no mundo sobrenatural para causar doenças e morte aos humanos. Querem que os humanos também morram como eles, do mesmo jeito que se perderam na porta de *Diasih̄ti Mahk̄āwi*. Os *Waí-Mahs̄ā* podem causar doença e matar os bebês na hora do parto, como forma de vingança e raiva contra nós. O parto de uma criança tem o mesmo significado que a emergência de um grupo humano, isto é, é como se a criança passasse pela Porta da Emergência de *Diasih̄ti Mahk̄āwi* sob a proteção de Deus (*Ĥht̄ā N̄ehk̄*), que no nosso caso seria sob a proteção dos pajés ou benzedores por meio dos rituais de pajelança (ritual do parto).

³ Os seres que foram apresentados pelo meu pai são pássaros. Alguns são da noite e outros do dia. Por enquanto, não dá para nomeá-los em português, porque muitos ainda não têm nomações em português.

Depois de fumar tabaco de *toasini*, *Suniã Pārāmī* parou e ficou em pé conversando com seus irmãos menores – *Āhsīpoã Yaí*, *Yarebo* e *Muipū Yaí* – que estavam junto com ele e perguntou: ‘O que será que vai acontecer agora?’

‘Você que deve saber’, respondeu seu irmão *Āhsīpoã Yaí*, que também era chamado *Āhsīpoã Nēhkt*.

Enquanto os quatro irmãos discutiam entre si, a Canoa da Emergência estava aportada na praia. Nós, que seríamos humanos, estávamos dentro dessa Canoa, bem guardados e éramos invisíveis aos olhos de outros seres espirituais que já existiam nesta Terra. Estávamos dentro do espírito de *patugt* (pé de ipadu), de *kahpida* (pé de *kahpi*), de *mahsāktra waí koārī* (dentro da força espiritual dos “ossos” de pajés). Somente os quatro irmãos que sabiam de nossa existência e éramos invisíveis aos olhos de outros seres terrestres.

No início, os três primeiros grupos que se perderam em *Diashti Mahkāwi* também estavam junto conosco. Na tentativa de emergir para este mundo natural que se perderam.

Mais uma vez, *Suniã Pārāmī* ficou em pé diante de seus irmãos, pensou consigo mesmo, olhou para o céu, fumou tabaco, comeu ipadu, bebeu caxiri, pensou de novo e olhou para o céu. Em seguida, de repente, partiu *djaaaa* (como o reflexo da luz), quando entrou no interior do mundo espiritual de *ṯhtā omēkoda patipt*, *pehkā omēkoda patipt*, *ēñō omēkoda patipt*, *yaí omēkoda patipt*, *djaaaa*. Depois de alcançar o mundo da força espiritual, retornou para o lugar onde seus irmãos e a Canoa da Emergência se encontravam. Era apenas um ensaio, antes de viajar para o céu. Na volta, viu que estava tudo como era antes. Depois, decidiu enfeitar e adornar de novo o seu corpo com *ñahkēka karire* (colares de miçanga), *ahsīpoã pīrīrē* (brincos de ouro), colocou o *siodṯhpt*, pôs no seu pescoço os *sē behtorire* (argolas de metais), a sua *ṯhtāteniā* (pedra de quartzo), o seu *sēktre*, *waí waru* (essência e poder de peixes); também adornou com o *wāñiārīda* (corda de origem vegetal) e todos *kamōkā* (adornos tradicionais). Depois, estava pronto para partir até a casa de seu Avô. Olhou para o céu e foi *djaaaa*. Estava tudo muito lindo. Quando olhou para a casa de *Buhpowi* (Avô de Trovão), a casa do centro do universo, a casa do céu, percebeu que a porta do céu estava fechada e retornou para perto de seus irmãos.

Essa casa deve estar bem em cima da Porta da Emergência (*Pamṯrī Solpē*). Os pajés dizem que a superfície do planeta Terra fica bem no meio. É nesse meio que *Suniã Pārāmī* pretendia emergir junto com os grupos humanos. Aí era o lugar temido pelos espíritos, difícil de passar por causa da força espiritual da Porta da Emergência que era muito poderosa.

Olhou mais uma vez para o céu, pensou em seu Avô e disse aos seus irmãos: agora estou pronto para ir perto de nosso Avô. Na véspera de sua partida, realizou o ritual de pajelança do tabaco para tentar convencer ao seu Avô, que o acolhesse em sua casa com cordialidade. Através desse ritual evitou que seu Avô o negasse a conceder mais poderes. Depois de se defumar, olhou para o céu, sentou, pegou seus principais poderes e os introduziu dentro da sua força espiritual.

Aqui está o exemplo, para quem escutou e aprendeu os rituais de pajelança de seu pai. Um dia uma pessoa sempre se torna órfão. Por isso, depois que um pai morre, um filho obediente e observador de princípios que regem as nossas tradições

sempre será considerado sábio pelos outros pajés e pessoas comuns. Esses conhecimentos proporcionarão muita segurança à pessoa quando um dia ela decidir discutir e refletir sobre pajelança com outros pajés, porque saberá se defender conforme os ensinamentos de seu pai. No diálogo com outros pajés, você saberá fazer perguntas certas e corretas na hora certa.

Depois disso, mais uma vez, *Suniã Pārāmī* olhou para o céu, comeu ipadu, fumou tabaco, bebeu caxiri e ficou pensativo. Apesar de ele estar entre os seus irmãos, o seu espírito já estava dentro do mundo de forças espirituais, que os pajés chamam de: *ḥtā ḍmēkoda patipḥ*, *ḥtā pehká buhti ḍmēkoda*, *pehká sṯmeri*, *pehká nābḥé ḍmēkoda*, *tiyá ḍmēkoda patipḥ*, *ēñḍ ḍmēkoda nābḥé tiyá ḍmēkoda patipḥ* e *pehká ḍmēkoda nābḥé nāratú tiyá ḍmēkoda patipḥ*, *yaí ḍmēkoda nābḥé narakatu tiyá ḍmēkoda patipḥ*. De repente, *djaaaa*, subiu para o céu como um raio de luz. *Pamṯṯrī Pinō* estava bem ornado, seu corpo brilhava e refletia como um feixe de luz *dja, dja, dja, dja, dja, dja, dja, dja...*

Quando *Suniã Pārāmī* avistou a porta do céu, viu duas mulheres sentadas, eram filhas de Deus, uma a direita e outra a esquerda da porta. As duas costuravam e trançavam cestinhos que, na verdade, criavam seus netos e animais que causariam doenças aos humanos. As duas eram: uma se chamava *Āñā Nēhkō* (*āñā*, jararaca, e *nēhkō*, avó; avó das jararacas); e outra se chamava *Patu Nēhkō* (*patu*, ipadu, e *nēhkō*, avó; avó do ipadu). *Ānhā Nēhkō* era a avó de jararacas, cobras, aranhas, de bichos venenosos e peçonhentos. *Patu Nēhkō* era a avó do ipadu. As duas moças rapidamente viram que *Pamṯṯrī Pinō* se aproximava da casa de Deus e murmuraram entre si: ‘Olha quem está chegando! É o neto de nosso Pai, aquele que perdeu os grupos humanos’.

O *Suniã Pārāmī* já se aproximava da porta do céu. Rapidinho, as duas moças entraram e chamaram o Pai delas, o *Ḥtā Nēhkḥ*: ‘Pai! Você se lembra daquele seu neto, que as pessoas chamam de *Pamṯṯrī Pinō* ou *Suniã Pārāmī*, que tentou criar os grupos humanos na Terra, achando que podia conseguir somente com seus poderes, mas que no final apanhou três grupos? Ele está vindo para cá! O *Suniã Pārāmī*, que você tanto fala, já vem’.

E o Velho não respondeu nada. Depois de tentar acordar o Pai, as duas mulheres entraram na casa sem recepcionar *Suniã Pārāmī*.

Ao se aproximar à porta do céu, *Pamṯṯrī Pinō* fez a seguinte saudação: ‘Soooooooo!’ Depois, tocou o seu bastão de poderes: *kiririri! Kiririri! Kiririri! Kiririri! Kiririri! Kiririri! Kiririri! Kiririri!* E nada do Velho responder.

Mesmo assim, insistiu e fez outra saudação: ‘Como vai você *Suniã Nēhkḥ* (meu Avô), você *Ḥtā Nēhkḥ* (Avô de Pedras), *Bṯrekō Nēhkḥ* (Avô do dia e da noite, Avô do tempo). Sou seu neto Vô, responsável para criar e povoar grupos humanos na Terra’.

E seu avô não respondeu nada.

Pamṯṯrī Pinō já sabia que isso aconteceria, porque tinha errado ao ignorar seu Avô nas três tentativas de criar gentes, porém não desistiu, pelo contrário, insistiu. O que *Pamṯṯrī Pinō* enfrentou naquele momento era o sinal de que no futuro os pajés (*yaítwa* e *basera*) humanos também enfrentariam os mesmos desafios. Por exemplo, desde que existimos como pajés, uma coisa sempre aconteceu entre nós, a maioria dos pajés se impõe como se fossem os mais sábios que os outros; quando não consegue prevenir e curar doenças procura outros pajés para perguntar e aprender novos rituais. Essas coisas são assim. Nenhum pajé conhece todos os rituais.

Pamɽɽrĩ Pinõ saudou de novo: ‘Soooooooo! Ƴhtã Ñehkɽ, Bɽrekó Ñehkɽ’. E Deus, pela segunda vez, não respondeu. *Suniã Pãrãmĩ* saudou mais uma vez, sem perder esperança que uma hora o Velho responderia: ‘Soooooooo! Ƴhtã Nhehɽ, Bɽrekó Ñehkɽ’. Depois de três saudações, seu Avô suspirou lá no fundo do seu quarto: ‘hoooooooo’. Estava no fundo da casa, atrás de uma parede, em um quarto bem fechado, deitado na rede onde se esquentava sob o calor do fogo e “dormia”.

Por causa desse exemplo de Deus, antigamente, os velhos pajés (*yáíwa, basera, kumuã*), os sábios, após os rituais não saíam para nenhum outro lugar, ficavam em resguardos, ornados, defumavam-se com tabaco benzido para fechar os corpos e seus espíritos, pintavam-se seus corpos com *wãrõsoã* (carajuru) pajelado. Ficavam no quarto durante um dia, dois dias ou até mais, dependendo do tipo de ritual realizado. *Bɽhpó* (Deus do Trovão) deu exemplo de como os pajés humanos vivenciaría no futuro a espiritualidade indígena, isto é, era um exemplo do que aconteceria conosco. Por essa razão, atualmente, aquele que é pajé ainda pratica esse ritual de resguardo para se proteger de doenças espirituais.

Depois, *Pamɽɽrĩ* Pinõ rosnou: ‘heõõõ!’

Em seguida, Deus (*Suniã Ñehkɽ*), falou: ‘Como vai você, meu neto! Você está aí? Nem sabia que era você que estava na minha porta’.

‘Sim, estou aqui’, respondeu *Pamɽɽrĩ* Pinõ.

Suniã Ñehkɽ perguntou: ‘Que surpresa! O que aconteceu com você meu neto?’

O *Pamɽɽrĩ* Pinõ respondeu: ‘É Vovô! Você sabe o que aconteceu comigo. Tentei criar os humanos como ordenou. Tentei criar sozinho, do meu jeito, mas não deu certo. Nessa tentativa perdi três grupos humanos. No começo, eu não quis ajuda de ninguém, nem dos pajés (*basera*) da porta do norte, do sul, do alto (céu); nem dos que vivem no outro lado do oceano Atlântico, de onde saí com a Canoa da Emergência, porque achei que seria capaz de criar e povoar humanos somente com meus poderes espirituais. Reconheço que errei e fracassei. Agora, tenho certeza que somente Deus (*Ƴhtã Ñehkɽ, Bɽrekó Ñehkɽ*) é quem manda em todas as coisas existentes no universo; nenhum ser da Terra é mais poderoso que Você, por isso decidi recorrer a Você, meu Avô. Além do mais, sou seu neto, responsável para criar grupos humanos na Terra. Não desistirei da minha responsabilidade somente porque perdi três grupos, até porque ainda existem outros povos que devo criar e povoar no planeta, mas para isso preciso de sua orientação para não perder mais outros humanos e cometer os mesmos erros’.

O Avô respondeu: ‘É isso mesmo! Você pensou que estava criando humanos longe do meu alcance e escondido de mim, porém estava aqui bem embaixo de mim, aliás, você sempre está aqui pertinho, aos meus pés. Fiquei observando e perguntando: esse meu neto *Suniã Pãrãmĩ*, por que ignora a minha existência? O que pensa que ele é? O meu neto sabe tudo, fala de tudo. Ouça bem e preste atenção nas minhas palavras. Quem é sábio deve ouvir o que os outros sábios têm a dizer e contribuir. Quem é sábio nunca se deve achar o melhor e/ou máximo, insuperável, mais poderoso. Você não fez jus a sua sabedoria, por isso cometeu erros infantis. Olhei para você e pensei: será que meu neto acha que é mais poderoso e mais sábio que Eu? Depois que você perdeu três grupos humanos, continuei pensando em você e perguntando: será que ele vai acabar perdendo todos os demais povos? Fiquei muito preocupado. Não pense

que durmo o dia inteiro, pelo contrário, acompanho diretamente tudo que você faz. Estou constantemente de olho em seus atos’.

Depois de chamar a atenção de seu neto, Deus do Tempo (*B̄t̄rekó N̄ehk̄t̄*) estava pronto para conceder-lhe mais poderes espirituais. Só falou isso. Essa foi a forma de chamar atenção de seu neto para depois conceder novos poderes espirituais. Deus (*B̄t̄rekó N̄ehk̄t̄*) não saiu de seu quarto e *Suniã Pārāmī* também não entrou na Casa do Céu, ficou na porta. Não teve contato direto com seu Avô. Mesmo deitado na sua rede, dentro de seu aposento, Deus começou entregar ao neto poderes espirituais que depois se materializaram para uso dos pajés. Deus entregou nas mãos de *Suniã Pārāmī* os seguintes instrumentos: primeiro entregou o *wehti kumurō* (banco que *Suniã Pārāmī* sentaria para benzer breu e tabaco). *Suniã Pārāmī* estava na entrada da porta do céu, quando recebeu os poderes através de sua força espiritual, não chegou entrar na casa. Os pajés chamam esses instrumentos de: *ϑhtā omēkoda patipt̄*, *ēñō omēkoda patipt̄*, *yaí omēkoda patipt̄*, *pehká omēkoda patipt̄*; no momento que *Suniã Pārāmī* recebeu primeiro poder deu um grande estrondo: *djaaa, ḡr̄r̄r̄r̄*; segundo entregou *m̄nō puhti senerōrē* (suporte de tabaco), que mais uma vez *Suniã Pārāmī* recebeu através da força de seus poderes de pajelança; terceiro, entregou *mahsāk̄r̄r̄are* (a força espiritual dos pajés mestres dos rituais de Jurupari); quarto entregou *yuhk̄t̄ behsuhtirigt̄* (bastão de poder e autoridade); em quinto entregou *poasti tirigt̄* (bastão dos rituais de pajelança). Só era isso.

Após entregar os poderes e instrumentos espirituais, Deus (*B̄t̄rekó N̄ehk̄t̄*) disse: ‘Daqui, você desce até aonde você veio por meio da força espiritual de fumaça de *ϑhtā omēkoda* (fumaça de pedra), *toyé ϑhtā omēkoda* (força espiritual da fumaça branca de pedra), *yaí omēkoda* (fumaça de *yaí*), *pehká omēkoda* (fumaça de lenha, do fogo). Ao chegar perto de seus irmãos, fume tabaco, coma ipadu, beba caxiri e, em seguida, olhe para o céu e se lembre de seu velho Avô, que estará sempre contigo, e nas coisas que falei para você. Depois, com a força espiritual de *ϑhtā omēkoda*, *ēñō omēkoda*, *yaí omēkoda*, *pehká omēkoda*, defume a Porta da Emergência (*Pamurī Sohpe*); em seguida, pegue o seu bastão de poderes (*yuhk̄t̄ behsure*) e crave na lateral da Porta da Emergência para abrir. Seja rápido para que os povos consigam ultrapassá-la, porque a Porta da Emergência se fechará rapidamente. Garanto que você conseguirá vencer essa Porta e os povos serão criados e povoados com segurança. Siga as minhas orientações que você conseguirá vencer o Portão da Emergência e realizar o projeto de criação. Quando fizer isso, todos os povos passarão: *psi, psi, psi, psi, psi...*! Após esse feito para, fuma tabaco, coma ipadu, beba caxiri, olhe para o céu e lembre-se de seu Avô, que estarei ao seu lado. Você, seus irmãos e os povos estarão sob minha proteção. Depois, defume com breu (*wehtē*) – que constituirá a força espiritual da fumaça de *ϑhtā omēkoda*, *ēñō omēkoda*, *yaí omēkoda*, *pehká omēkoda* – o caminho onde os povos passarão e percorrerão durante a emergência e povoamento’.

Depois de receber mais poderes e orientações de seu Avô, *Suniã Pārāmī* desceu para perto de seus irmãos. Quando desceu do céu, fez de acordo com as orientações de seu Avô. Abriu a Porta da Emergência com o bastão de poderes, que não se sucumbiu à força da Porta. Com muita habilidade e rapidez fez passar pelo Portão da Emergência (*Pamurī Sohpe*) de *Diasihiti Mahk̄āwi* todos os povos que habitariam no novo continente. A Porta era tão poderosa que não ficou aberta por muito tempo. *Suniã Pārāmī* teve que agir rápido, a porta se fechou em poucos instantes *tak!* Mas, o

tempo que esteve aberto foi suficiente para que os futuros humanos ultrapassassem o Portão. Aconteceu do jeito que seu Avô havia previsto.

Depois de vencer a força do Portão, *Suniã Pārāmī* parou, fumou tabaco, comeu ipadu e bebeu caxiri. Olhou para o céu e agradeceu ao seu Avô. Em seguida, subiu ao céu para contar ao Avô a sua façanha. Dessa vez, foi recebido rapidamente pelo Avô (*Bṯrekó Nēhkṯ*).

Ao chegar na porta da casa do céu, fez a seguinte saudação: ‘*Soooooooo! Hhtā Nēhkṯ, Bṯrekó Nēhkṯ, você está aí.*’

O velho não demorou a responder: ‘Estou aqui *Suniã Pārāmī*. Como está seu trabalho? Está bem ou não?’

O seu neto respondeu: ‘Agora está tudo bem, Vovô (*Suniã Nēhkṯ*)’.

Deus (*Bṯrekó Nēhkṯ*) respondeu: ‘Foi isso que sempre esperei de você. Daqui em diante as coisas serão diferentes e tudo dará certo, *Suniã Pārāmī*. Antes não deram certo, porque você tentou ignorar a minha existência, tentou esquecer que existo. Eu não sou qualquer Deus, que você e outros seres podem desrespeitar. Sou seu Avô, Deus do tempo e do universo. Sou um ser que nasceu antes de tudo, antes do universo. Agora, sim, os seus trabalhos e suas criações sempre terão resultados positivos. Peço que desça para a terra por meio da força espiritual da fumaça de *ṯhtā omēkoda, ēñō omēkoda, yaí omēkoda, pehká omēkoda patipṯ*. Ao chegar na terra, envie seu irmão *Ahsipoã Nēhkṯ* para a porta do norte. É lá que ele criará e povoará outros povos. Depois, envie seu segundo irmão, o meu neto *Yarebo*, que irá, antes de você, criar as plantas frutíferas, preparar a terra para plantações, criar *kirikṯ* (maniva), preparar os *kumudṯhkari* (coxos de caxiri), as *stubṯhkṯparṯ* (panelas de barro que servem para armazenar caxiri), construir as *Bahsawihseri* (Casas Tradicionais). *Yarebo* terá que preparar o ambiente para criação e povoamento de diferentes povos’.

Enquanto falava com seu neto, sentiu algo estranho em seu coração e suspirou: ‘*hummmmm!*’

Deus (*Bṯrekó Nēhkṯ*) pressentiu que alguma coisa não daria certo para seu neto. Mesmo assim continuou a conversa: ‘Enquanto *Yarebo* estiver construindo as Casas das Emergências (*Bahsawihseri*), criando as plantas frutíferas, criando maniva e mandioca, preparando o caxiri, envie seu irmão *Muīpūrī Pinō* para realizar os rituais de pajelança de novas habitações. Ele terá que pajelar todas as Casas (*Bahsawihseri*) que servirão para criação de novos grupos humanos até chegar na Casa da Emergência de *Ohkó Diawi*’.

Naquele momento, Deus (*Bṯrekó Nēhkṯ*) já sabia o que ocorreria na Casa da Emergência de *Ohkó Diawi*. Teve um pressentimento negativo. Por isso, alertou seu neto *Suniã Pārāmī*: ‘Uma coisa não dará certo para você. O seu irmão caçula, *Muīpūrī Pinō*, apesar de ser seu irmão menor, não te obedecerá. Depois que você perdeu três grupos humanos, ele não confia mais em você. Por esse motivo, duvidará de sua capacidade e de seus poderes. Ele não sabe que você acaba de receber mais poderes e está sob a minha proteção espiritual. Fique atento e preparado contra quaisquer ações dele, para que nada de mal ocorra durante a criação de gentes. Ele tentará destruir o que você e seus outros irmãos construirão na terra, mas não conseguirá destruir’.

Muīpūrī Pinō também era neto de Deus. Era um ser espiritual e sábio como seu irmão maior, por isso não temia em desobedecê-lo. Era tão poderoso quanto *Suniã*

Pārāmī. Por causa de sua desobediência, desconfiança e arrogância, hoje existem entre Tukano, Tuyuka, Desano etc., indivíduos que se dizem conhecedores dos rituais de pajelança, os que se acham sábios quanto aos demais e que não querem ouvir outros sábios. E, às vezes, alguns até dizem: ‘Eu também sei os rituais de pajelanças como você; posso pajelar sozinho e não preciso de você’. Outros são até mais irônicos: ‘Como não sei as pajelanças, nunca digo a ninguém que vou fazer isso ou aquilo; que um dia juntarei as pessoas para construir uma Casa Tradicional (*Bahsawi*) e comunidade’.

Antes de iniciar a criação dos humanos, Deus também previu o conflito que ocorreria em *Ohkó Diawi* entre *Suniā Pārāmī* e seu irmão caçula, *Muīpūrī Pinō*. Esse conflito era o primeiro sinal de como seria a relação entre nós, pajés humanos, que fazemos parte de diferentes povos. Realmente, os conflitos e as brigas são constantes entre os pajés. Deter conhecimento de rituais de pajelança é sinônimo de conflito, desentendimento, inveja, brigas e rivalidade, os quais interferem diretamente nas relações de convivência entre povos, famílias e comunidades.

Quando *Suniā Pārāmī* tentou enviar seu irmão caçula, *Muīpūrī Pinō*, para realizar os rituais de habitações, ouviu a seguinte resposta: ‘Desde que chegamos aqui, em *Diasihiti Mahkāwi*, vejo que você só faz as coisas sem nos consultar e sem pedir nossas opiniões. Se você conduz as coisas dessa forma é porque você sabe o que faz e não precisa de mim. Estou cansado de ser a sua sombra. De tanto ficar atrás de você, vi perder três grupos humanos sem poder interferir e evitar que gentes se perdessem na Porta da Emergência. Agora, não quero ver de novo a mesma história se repetir; nem quero ouvir as pessoas falarem que meu irmão mais velho perdeu outros povos. Por causa da perda de três grupos humanos, muitas pessoas por aí comentam sobre o evento triste que ocorreu conosco. Tenho vergonha quando ouço comentários irônicos que outros seres espirituais fazem sobre o seu fracasso. O seu individualismo atingiu a nossa integridade, a nossa família. Por isso, a minha resposta é não. Não vou realizar rituais de habitações. Vai e faça você mesmo. Estou fora. Não conte comigo’.

Ao ouvir a resposta do irmão caçula, *Suniā Pārāmī* respondeu: ‘Tudo bem! Faça como quiser’.

Suniā Pārāmī já sabia que isso aconteceria, porque seu Avô havia alertado antes de tudo e de todos. Os três irmãos eram sábios e poderosos. Eram netos de Deus. A única diferença entre os quatro é que *Suniā Pārāmī* não era qualquer filho de Deus. Tinha um diferencial entre seus irmãos menores pelo fato de ser irmão maior e por ser principal responsável para criação e povoamento de grupos humano. A sua força espiritual era incomparável aos seus irmãos menores, mas eles não sabiam. Era o mais sábio e mais poderoso. Era *duhpu* (chefe, cabeça, irmão maior). Foi o único que conseguiu chegar perto de Deus (*Uhtā Nēhkṭ, Bṭrekó Nēhkṭ*), que recebeu de seu Avô mais *bahseré* (rituais de pajelança).

Deus criou os quatro irmãos porque pensou o seguinte: ‘Se eu criar apenas um, o trabalho de criação e povoamento dos humanos vai demorar muito. Criarei quatro irmãos, porque assim o trabalho será feito com mais rapidez e segurança’. Por isso, decidiu criar os quatro irmãos. Ao criá-los deu poderes suficientes para enfrentar e superar as ameaças de outros seres espirituais espalhados em várias regiões da Terra. Deus concedeu os seguintes poderes: *mṭnō omēkoda* (a força espiritual de tabaco e sua fumaça), *yayiyari omēkoda* (a força espiritual do ser *yai*), *bayiyari omēkoda* (a força

espiritual do ser *bayá*), *kumuãrĩ omêkoda* (a força espiritual do ser *kumu*). Com esses poderes, os quatro juntos se tornaram poderosos, invencíveis e sábios.

O *Ahsĩpoã Nêhktt* cumpriu com seus deveres de acordo com a ordem de seu Avô. O *Yarebo* também cumpriu com seus deveres: criou alimentos, espalhou diversas plantas frutíferas pelo continente; criou maniva, ipadu, tabaco etc. *Yarebo* era o pai e ser espiritual dos alimentos, do coração; era o deus que conheciam muito bem os rituais de pajelança para prevenção e cura de doenças que atingem as pessoas, das roças, de manivas. *Muĩpũrĩ Pinõ* foi o único que não obedeceu às ordens de seu Avô. Não cumpriu com sua responsabilidade.

Assim como existiram os quatro irmãos sábios, antigamente, em um grupo ou comunidade sempre havia pajés especialistas para realizar rituais de habitação. Atualmente, com a ausência de pajés especializados, fica cada vez mais difícil realizar rituais de habitação. Por esse motivo, os conflitos, as brigas e divisões são constantes entre os indígenas do Uaupés.

Aproximava o tempo de *Yarebo* construir a Casa da Emergência de *Ohkó Diawi*. Antes de chegar em *Ohkó Diawi* e realizar a construção dessa Casa, *Yarebo* já havia construído outras Casas das Emergências espalhadas ao longo do território brasileiro. Ao iniciar a construção de *Ohkó Diawi*, convidou todos os animais terrestres, aquáticos e aves da região do alto rio Negro para que o ajudassem construir. Cito aqui alguns deles: *ohkó dahseá* (tucanos da água), *wayuá* (macacos guaribas), *yõroã* (inambus), *wuaberi bthtoã*, *kahkaroa*, *ũmuã* (japus), *yeá* (garças), *uhkuãrã* (macacos da noite), *wĩlsoã* (porcos-espinho) etc. Cada um desses trazia um tipo de material para construção da *Bahsawi*. Esses animais eram seres espirituais, não eram meramente animais, como vemos hoje. Aliás, para pajés, os animais são seres de origem espiritual.

Quando *Suniã Pãrãmĩ* esteve com seu Avô, Deus (*Hhtã Nêhktt*) disse: Depois que seu irmão *Yarebo* concluir a construção das *Bahsawihseri* (Casas Sagradas), antes de viajar com a Canoa da Emergência para realizar a criação e povoamento dos grupos humanos, passe em todas as casas para vistoriar e realizar os rituais de proteção das casas. Proteja as casas contra as ações de *Waĩ-Mahsã*, *bori bahsoká* (espíritos causadores de doenças).

Os *bori bahsoká* existiam em todas as Casas das Emergências. Por exemplo, tinham seres de *Diasihiti mahktt*, que fica situada no litoral de São Paulo, provavelmente nas montanhas; *Hhtã Tuhturi mahkũ*, situada em Belém, estado do Pará; *Dia Duiró Yukawi mahktt*, localizada no encontro das águas entre rio Negro e Solimões, Manaus, AM; *Temedawi mahktt*, situada abaixo de Barcelos, baixo rio Negro, AM; *Behkowi mahktt*, Tapurucuara, hoje, Santa Isabel do rio Negro, AM; *Kanẽparo mahktt*, que fica localizada acima de Santa Isabel do rio Negro, AM; *Nahpõbowi mahktt*, em São Gabriel da Cachoeira, AM; *Koohtu mahktt*, próximo a comunidade da Ilha das Flores, foz do Uaupés, AM; *Bthpowi mahktt*, hoje, comunidade Trovão, baixo Uaupés, AM; *Ômãwi mahktt*, situada acima da comunidade Trovão, baixo Uaupés, AM; *Nẽcororiwi mahktt*, situada acima de *Ômãwi*, baixo Uaupés, AM; e *Ohkó Diawi mahktt*, baixo Uaupés, AM.

Depois de realizar os rituais de pajelança das Casas das Emergências contra os *Waĩ-Mahsã* que poderiam vim atrás de *Suniã Pãrãmĩ* até *Ohkó Diawi*, para destruir os humanos, *Suniã Pãrãmĩ* estava pronto para viajar com a Canoa da Emergência. O caminho estava protegido e livre de seres que ameaçavam a emergência de povos.

Se *Suniã Pārāmī* não pajelasse as Casas das Emergências, a viagem com Canoa da Emergência se tornaria muito perigosa para sobrevivência dos humanos. Em todas as Casas das Emergências existiam *Waí-Mahsã*, prontos para matar quaisquer seres que ousassem impedir suas ações contra grupos humanos. Mesmo depois dos rituais, se houvesse qualquer vacilo e desatenção de *Pamūrī Pinō*, os *Waí-Mahsã* estavam prontos para atacar e matar os humanos. *Pamūrī Pinō* sabia que os *Waí-Mahsã* dessas Casas não ousariam atacar os futuros humanos e sua embarcação, porque já havia pajelado, por isso partiu de *Diasihtī Mahkāwi*, foi criando e povoando pessoas em diversas regiões do litoral brasileiro.

Suniã Pārāmī viajou com a Canoa da Emergência para criar os humanos, porque confiava nas palavras e na proteção de seu Avô. O caminho até a Casa da Emergência de *Ohkó Diawi* não foi fácil. *Suniã Pārāmī* teve que enfrentar *Waí-Mahsã* de diferentes espécies. Nos momentos mais difíceis, ele sentia a falta de seu irmão caçula, *Muīpūrī Pinō*. Como falei anteriormente, tudo que seu Avô pressentiu e previu no começo estava para acontecer em *Ohkó Diawi*.

Muīpūrī Pinō não embarcou na Canoa da Emergência com seu irmão. Preferiu ficar em *Diasihtī Mahkāwi*, atrás de *Pamūrī Solhpé* (Porta da Emergência do sul). *Muīpūrī Pinō*, além de ser pajé dos rituais de habitação, também era o pai de *muhsīroā* (grilos que devoram as folhas de caraná ou palha utilizadas para cobrir as *Bahsawihserī*). É com *muhsīroā* (grilos) que em poucos segundos devoraria a *Bahsawi* (Casa da Emergência) de *Ohkó Diawi*. Ele planejava chegar a *Ohkó Diawi* antes que seu irmão *Pamūrī Pinō* começasse quaisquer rituais de pajelança. Esse era o plano de *Muīpūrī Pinō*, para destruir o projeto de criação dos humanos do Uaupés. Apesar de ser seu irmão, apoderou-se de raiva e ódio, por isso queria acabar com o projeto de criação, do qual também fazia parte.

Após longa e dura viagem, enfim, *Pamūrī Pinō* chegou em *Ohkó Diawi*. Para os quatro irmãos não existia distância entre as Casas das Emergências. *Pamūrī Pinō* era filho de Deus. *Pamūrī Pinō* demorou um pouco para chegar até *Ohkó Diawi*, porque teve que parar e entrar em outras Casas das Emergências para criar humanos e transmitir conhecimentos. Durante a viagem entrou e passou em todas as Casas das Emergências que seu irmão *Yarebo* construiu. Em cada *Bahsawi*, realizou ritual de proteção contra *Waí-Mahsã* para que não o seguissem. Depois, chegou em *Ohkó Diawi*. Quando chegou na *Bahsawi*, olhou para o céu e pensou em seu Avô, em Deus (*Ḥhtā Nēhkt, Bt̄rekó Nēhkt*). Sentiu que estava tudo bem.

O seu Avô já havia alertado sobre o conflito que ocorreria entre ele e seu irmão em *Ohkó Diawi*. Em seguida, fumou tabaco, comeu ipadu e entrou na *Ohkó Diawi*. Viu que seu irmão *Yarebo* e seus amigos deixaram a *Pamūrīwi* (Casa da Criação, Casa da Emergência) pronta para realização da festa de criação de grupos indígenas do Uaupés. A casa estava pronta para rituais de pajelança, para divisão de povos e línguas dessa região. Quando entrou, viu a casa cheia de coxos de caxiri e potes de *kahpi*. Havia caxiri de todos os tipos: caxiri de milho, caxiri de batatas, caxiri de cará, caxiri de pupunha, caxiri de cana etc. A única coisa que ainda não tinha dentro daquela casa era *Kahpi*, mas já tinha os potes preparados para encher a bebida, só não tinha a planta e a bebida. Até naquele momento, *Kahpi* ainda não existia; somente foi criado durante o ritual de criação, no centro da *Bahsawi* (Casa de Criação).

Depois que entrou na Casa, começou pajelar todas as coisas que tinham sido preparadas pelo seu irmão *Yarebo*: a *Bahsawi*, os potes, cochos, as bebidas, os instrumentos musicais etc. Ao meio dia, todas as bebidas estavam pajeladas, porém até às 15 horas, *Pamūrī Pinō* ainda não havia concluído o ritual de prevenção e proteção contra as ações de *Wai-Mahsā* e seu irmão caçula que se aproximava para destruir a grande *Bahsawiré* (Casa de Cerimônia) e *Pamūrīwiré* (Casa da Emergência) de *Ohkó Diawi*.

Pamūrī Pinō estava no centro de *Ohkó Diawi* quando virou a cabeça e olhou até *Diasihti Mahkāwi* para ver se havia algo estranho ou não. Naquele instante viu que seu irmão *Muīpūrī Pinō* voava rapidamente em direção de *Ohkó Diawi*. *Muīpūrī Pinō* vinha como o vento, estava bem ornado com seus adornos que brilhavam de longe como a luz do sol. Estava muito bonito e brilhava *dja, dja, dja, dja, dja, dja...* Os demais seres que estavam em *Ohkó Diawi* também avistaram a chegada repentina do caçula, assustados gritaram: '*Muīpūrī Pinō já vem!*'

Pamūrī Pinō não virou para ver pela segunda vez. Somente pensou: Meu irmão já vem! A única coisa que me resta é proteger *Ohkó Diawi* contra seus malzimentos⁴. Não permitirei que esse louco destrua esta Casa da Emergência.

Enquanto *Pamūrī Pinō* pensava e pajelava, *Muīpūrī Pinō* se aproximava rapidamente de *Ŋahpōpō Mahkāwi* (Casa da Emergência de São Gabriel da Cachoeira, AM). Quando chegou em *Ŋahpōpō Mahkāwi*, o reflexo de seus ornamentos refletia aqui em *Ohkó Diawi*, *dja, dja, dja, dja, dja, dja, dja...*! *Suniā Pārāmī* viu que seu irmão voava junto com o vento sem parar em nenhum lugar, vinha direto à *Ohkó Diawi*. Como ambos eram deuses, para eles, a distância entre *Diasihti Mahkāwi* até *Ohkó Diawi*, era como se não existisse, em pouco tempo estavam em lugares diferentes. Antes de chegar em *Ohkó Diawi*, *Muīpūrī Pinō* passou em todas as Casas das Emergências construídas por *Yarebo*, mas não destruiu porque já estavam construídas e os povos criados.

Esse momento pré-anunciava os conflitos, as brigas e as guerras que um dia aconteceria entre pajés humanos. Nós, Tuyuka, chamamos as *boriwihseri* (casas de doenças, dos *Wai-Mahsā*) de *ṯhtā wihseri* (casas de pedra), *bṯhpó wihseri* (casas de trovão), *ṯṯkare wihserire* etc. Quando pajé basei realiza o ritual de pajelança com breu (*wehté*) e tabaco (*mṯnō*), se ele não ficar em resguardo (*behti tiriri*), corre sério risco de ficar doente, ser picado por jararacas, se envenenar e morrer; ser perseguido e malzido pelos seus rivais pajés (*yaíwa* e *basera*).

As *boriwihseri* são casas constituídas de doenças e malzimentos: *boriti* (cheio de doenças, tristezas), *bori wai ya* (doenças de peixes remosos), *bori numiā numiāti* (doenças

⁴ No rio Negro, as pessoas utilizam o termo “sopro” para se referir aos rituais de pajelança que servem para fazer aparecer doenças numa comunidade, para estragar plantações e pessoas. O termo “**benzimento**” é usado para se referir aos rituais de pajelança que servem para prevenção, proteção e cura de doenças. “Sopro” e “benzimento” São termos que os indígenas se apropriaram por influência da Igreja Católica. Quando escrevi as minhas dissertações de mestrados, em 2009 e 2010, decidi criar o termo “**malzimento**” que no meu simples entendimento de um Tuyuka é antônimo do termo **benzimento**, é a que melhor traduz o significado dos rituais de pajelança causadores de doenças. Daí, proponho um novo verbo “**malzer**”, que pode ser conjugado tanto no modo indicativo quanto no modo subjuntivo; no gerúndio conjuga-se **malzendo**; no particípio conjuga-se **malzido**. É um termo que não existe na língua portuguesa, logo não há escrito em nenhum dicionário ou livro, mas agora pode ser utilizado.

de mulheres impuras, menstruadas), *bori yarige* (comidas impuras, não pajeladas), *bori waiktra* (doenças de animais), *bori mtnō* (tabaco causador de doenças), *bori patu* (doenças de ipadu), *bori kahpi* (doenças de *kahpi*), *bori mahsāktra* (doenças de seres espirituais). Foi nessas *Bori Wihserire* (casas de doenças) que *Muīpūrī Pinō* entrou e passou, antes de chegar em *Ohkó Diawi*.

Suniā Pārāmī viu que seu irmão se aproximava rapidamente do porto de *Ohkó Diawi*. Antes que ele subisse até a *Bahsawi* de *Ohkó Diawi*, defumou a Casa por dentro e fora com breu pajelado (*wehté bahserikimenā*). Depois que *Pamūrī Pinō* concluiu o ritual de defumação da Casa e deixou o *wehteki* (pedaço de breu pajelado) no centro da *Bahsawi*, *Muīpūrī Pinō* chegou e saudou: ‘*Sooooo!*’

Muīpūrī Pinō havia planejado entrar direto na Casa e pegar o pote de *kahpi* para em seguida oferecer ao seu irmão, mas *Pamūrī Pinō* o impediu. Não permitiu que entrasse na *Bahsawi*.

Ao saudá-lo *Muīpūrī Pinō* disse: ‘Está tudo bem entre nós dois, meu irmão maior?’

Pamūrī Pinō respondeu-lhe: ‘Está tudo bem! Mas, você não vai entrar dentro desta Casa. Fique na porta mesmo. Não dê nenhum passo a mais, caso contrário, terei que agir de outra forma’.

Dessa forma, impediu que *Muīpūrī Pinō* entrasse na *Bahsawi* e destruísse a Casa de *Ohkó Diawi*. *Pamūrī Pinō* deixou seu irmão caçula ficar em pé na porta e não o convidou para sentar; somente depois de uma discussão tensa que convidou para que sentasse no banco. Como já falei *Muīpūrī Pinō* queria entrar até o final da Casa e pegar o pote de *kahpi*, que estava no último quarto, para em seguida beber e oferecer ao seu irmão. Se tivesse feito isso, a Casa teria sido destruída em poucos segundos. *Muīpūrī Pinō* estava pronto para destruí-la. Não destruiu, porque *Suniā Pārāmī* não deixou que isso acontecesse.

Suniā Pārāmī sabendo das intenções de seu irmão gritou bravo: ‘Para destruir as obras de seus irmãos que, quando pedi que ajudasse na criação de grupos humanos, você não quis participar e desobedeceu-me? Eu sou seu irmão maior. Você não pode desobedecer e querer ser maior que eu. Você pensou que eu fosse qualquer pessoa, um fracassado que perdeu três grupos humanos e que mais uma vez perderia de novo, é isso? Você é meu irmão caçula, o último. Tem que me obedecer. Senta aí na porta. Não entre e nem saia sem a minha permissão. Fique sentado na porta. Aqui, na minha presença, você não vai destruir nada. Você não tem poderes suficientes para destruir esta Casa. Mesmo que queira destruir esta *Bahsawi* não conseguirá, porque todas as suas tentativas serão anuladas’.

Por isso, meu filho, até hoje existe e aparece *muhsīrō* (grilo) na porta de casas que não foram bem pajeladas. O grilo canta de noite: *siri, siri, siri, siri, siri, siri*. O *muhsīrō* representa *Muīpūrī Pinō* que ficou em pé na porta da Casa de *Ohkó Diawi*. A presença de *muhsīrō* é uma alerta para os membros que habitam a casa, que alguém da família corre risco de ficar doente ou morrer. Quando percebemos a presença desse grilo, devemos procurar um pajé ou um benzedor que conhece o ritual de pajelança para expulsar o grilo e proteger a residência.

Depois do conflito entre *Suniā Pārāmī* e seu irmão caçula, em *Ohkó Diawi*, ele se preparou para realizar o ritual de criação de novos povos que habitariam esta região

do Uaupés; se preparou para criar nós, humanos, criar as mulheres, criar os pajés e mestres de cantos e danças tradicionais, dividir as línguas e os povos, transmitir os rituais de pajelança e, no final, para enviá-los em diversas regiões e diferentes Casas das Emergências do Uaupés, para que emergissem do mundo espiritual aquático para esta superfície terrestre.

Os participantes da festa de criação eram seres espirituais que ajudaram *Yarebo* a construir a *Bahsawi* de *Ohkó Diawi*. Na festa, não participaram poucos animais, tinham milhares e milhares de seres espirituais presentes. Hoje, temos conhecimento da existência de várias espécies de animais desta região, mas naquele dia esses animais não eram simples animais, eram gentes e espíritos.

Durante a festa, em primeiro lugar, *Suniã Pārāmī* criou o pé de tabaco (*m̄n̄ō*), constituído de todas as espécies que conhecemos; criou o pé de *kahpi*, que também era constituído de várias espécies que conhecemos; criou os *mahsāk̄tra* (os pajés e mestre de rituais de Jurupari); criou uma palmeira cheia de instrumentos de pajelanças (*behsuda wō*), que possuía: *wārōsoã behsu wō* (palmeira de carajuru), *ewá behsu wō (...)*⁵, *dii behsu wō* (palmeira de sangue), *muhsã behsu wō* (palmeira de urucum). Em uma só palmeira existia tudo isso. Na palmeira de tabaco tinham as seguintes espécies: uma palmeira de *sai m̄n̄ō wō* (tabaco de peixe mandi-piroca), *b̄thsaró m̄n̄ō wō* (tabaco de peixe piroca), *dihké m̄n̄ō wō* (tabaco de sarapó). Em uma só palmeira existia tudo isso. *Kahpida* a mesma coisa: tinha *̄htā kahpida* (pé de *kahpi* de pedra), *dii kahpida* (pé de *kahpi* de sangue), *wārōsoã kahpida* (pé de *kahpi* de carajuru), *muhsã kahpida* (pé de *kahpi* de urucum), *yārī kahpida (...)*, *kahpi yāda (...)*, *kahpi curida nimiātoahsubia (...)*, *wihtōkahpiró (...)*. Todos esses *kahpi* estavam em um só pé. Até aí, só fez isso.

Em seguida, preparou-se para criar e dividir a gente, dividir as línguas, os rituais de Jurupari e rituais de pajelança, transmitir os conhecimentos musicais e danças, entregar os instrumentos musicais etc. Assim, *tā, tā, tā, tā, tā, tā, tā...*

Depois, criou os humanos. Entregou para cada chefe dos povos *anī* (esse), *anī, anī, anī, anī, anī*, os conhecimentos necessários para a nossa sobrevivência, e no final disse: 'Vai ser assim'.

No começo não éramos humanos. Fomos transformados em humanos somente no momento da emergência para esta superfície terrestre. *Suniã Pārāmī* entregou a gente aos *Mahsāk̄trapt̄re* (pajés e mestres dos rituais de Jurupari) que foram responsáveis para conduzir a nossa emergência até as Casas das Emergências e sobrevivência na superfície terrestre. Foi por meio de *Mahsāk̄tra* (pajés, quase espíritos), que *Suniã Pārāmī* realizou o projeto de criação, divisão e povoamento de povos indígenas do Uaupés.

Nós, humanos, emergimos para este mundo por meio de *Mahsāk̄tra* (os primeiros ancestrais indígenas). Durante o ritual de criação, em primeiro lugar, *Suniã Pārāmī* criou o Tukano (em tuyuka se diz: *Dahseaȳ*); segundo, criou o Desano (em tuyuka se diz: *W̄ināȳ*); terceiro, criou o Tuyuka (*Dohkapuaraȳ*); depois criou *Waimahk̄* (Pira-tapuyo), *Ahkotimahk̄* (Wanano) etc; e por último, criou o *Pawaraȳ* (Tariano).

⁵ O sinal (...) significa que por enquanto não tem tradução em português.

Por isso, digo que *Pam̄r̄i Pinō* é criador de todos nós. Criou-nos sob a ordem de Deus (*H̄htā Nehk̄*). Ainda continua criando por meio de rituais de pajelança que transmitiu e transmite aos pajés (*yaíwa* e *basera*).

Após criar humanos, *Pam̄r̄i Pinō* escolheu os chefes de cada povo, pegou o pé de tabaco e os dividiu em pedaços: *tak, tak, tak, tak, tak, tak, tak!* Em seguida, pegou *kahpida* e dividiu em pedaços para entregar aos chefes dos povos: *tak, tak, tak, tak, tak, tak, tak!* Nós, Tuyuka, recebemos *kahpi* das pontinhas dos dedos. Com *behsu wō* e com o *patu* (ipadu) fez a mesma divisão: *tak, tak, tak, tak, tak, tak, tak!* Só isso!

Depois que todos os chefes de grupos indígenas foram criados e escolhidos; depois que cada um recebeu tabaco e *kahpi*; enquanto bebiam *kahpi*; enquanto estavam sob o efeito alucinógeno da bebida *kahpi*, *Suniā Pārāmī* criou a primeira mulher a partir de um *Mahsāk̄traȳ* (ser espiritual). Essa mulher se chamava *Kahpi Suniā Mahkō* (filha de *Kahpi*).

Depois de criar *Kahpi Suniā Mahkō*, *Suniā Pārāmī* a enviou para o igarapé de Sangue (*Diiya*), hoje localizado abaixo de Mitú, alto Uaupés, Departamento del Vaupés, Colômbia. Foi naquele igarapé que *Kahpi Suniā Mahkō* permaneceu grávida do filho que seria de *Kahpi Suniā*. Permaneceu grávida apenas durante o ritual de criação de humanos em *Ohkó Diawi*. Foi tudo muito rápido. Enquanto *Suniā Pārāmī* realizava a festa de criação, *Kahpi Suniā* fez o parto. Ela só retornou à *Ohkó Diawi*, ao meio dia, após o parto.

No momento do parto, em poucos instantes, a Casa da Emergência de *Ohkó Diawi* ficou inundada de *kahpi*, que na verdade era o sangue do parto. Entretanto, para *mahsāk̄tra yaíwa* o sangue do parto era a bebida *kahpi*, não meramente o sangue que nós imaginamos. Daí em diante, os pajés (*yaíwa*, *basera*, *mahsāk̄tra yaíwa*), os mestres de músicas e danças tradicionais (*bayarao*) e chefes de grupos indígenas, que naquele momento ainda eram seres sobrenaturais, beberam *kahpi* e ficaram embriagados. Apenas *Suniā Pārāmī* e seu irmão *Yarebo* estavam totalmente cientes, porque eram deuses. Foi naquele momento que *Suniā Pārāmī* dividiu as línguas, criou e dividiu as mulheres para cada grupo. Transformou alguns *mahsāk̄tra yaíwa* em seres humanos

O parto de *Kahpi Suniā Mahkō* foi o primeiro entre os partos que aconteceriam entre as mulheres indígenas do Uaupés. Até naquele momento, além de *Kahpi Suniā Mahkō*, não existia nenhuma outra mulher humana. Só havia homens. Para criar mulheres, *Suniā Pārāmī* escolheu alguns pajés (*mahsākura yaíwa*), que estava sob o efeito de *kahpi*, pegou o *m̄nō puhtiri senerō* (suporte de tabaco), encostou entre as pernas de alguns deles, transformando-os em mulheres. Foi assim que fez a vagina da mulher, a qual serviria para realizar partos.

Foi desse jeito que alguns seres espirituais, pajés (*mahsākura yaíwa*), se transformaram em mulheres, as primeiras mulheres. É sob o efeito da bebida *kahpi* que os diferentes grupos reconheceram quem eram seus parentes próximos, seus primos e cunhados.

A história de *Ohkó Diawi* demonstra que os povos indígenas do Uaupés foram criados nesse lugar sagrado. Foi assim que aconteceu a nossa origem indígena, a divisão de línguas, de rituais de pajelança; divisão e distribuição de ipadu, tabaco e *kahpi*; divisão de rituais de Jurupari etc. Todos os grupos receberam os mesmos conhecimentos tradicionais. Por isso, hoje, ninguém, nem Tukano, nem Tuyuka ou

de quaisquer outros povos do Uaupés pode dizer que para nós é assim e para vocês não é. Quem é sábio e quem ouviu falar essa história sagrada de seus pais, sabe que os conhecimentos tradicionais têm a mesma origem. Se alguém ousar falar o contrário, terá que conhecer com profundidade a nossa história de origem, porque ela é o fundamento de nossa existência, de nossos rituais de pajelanças e da nossa vida como povos desta região.

A criação dos povos do Uaupés ocorreu para que nós reconhecêssemos que a nossa história de origem é única, que nenhum de nós é originário de lugares diferentes. O lugar espiritual da nossa origem é a Casa da Emergência de *Ohkó Diawi*. É aqui que quem não conhece bem a história de origem, acaba sendo dominado por pessoas que acham que conhecem mais do que os outros ou por aqueles que se consideram chefes. O indivíduo inseguro, que não pertence a uma linhagem de sábios, pajés, fica envergonhado e com medo diante de outros pajés, porque não domina os conhecimentos tradicionais. Muitas vezes, acha que o que os chefes falam está certo e se conforma respondendo: 'Tudo bem! Vocês estão certos. Para vocês deve ser assim mesmo. Para mim, os meus pais não eram sábios como vocês. Eram à-toas. Por esse motivo, não sei direito'.

Quando você discute e dialoga com outros sábios, nunca deve demonstrar insegurança e dizer o seguinte: 'É! Eu não sei direito'.

O sábio também não pode achar que é melhor que os outros. Ninguém pode achar que o outro não sabe nada; que é o melhor, que é chefe, primeiro, cabeça, ou o mais importante; e nem podemos diminuir o *Peogɿ* (Hupda). O *Peogɿ* também tem a mesma origem; tem a mesma história, o mesmo criador e os mesmos conhecimentos tradicionais. A história é a mesma. A história de origem parece ser diferente quando as pessoas contam em suas línguas. Até aqui, meu filho, a nossa origem se deu dessa maneira.

Pamɿrĩ Pinõ, depois de realizar o ritual de criação de grupos humanos em *Ohkó Diawi*, viajou para outras regiões do alto rio Negro, onde continuou a criação de novos povos na região do rio Içana.

Antes de ir embora para outros lugares, *Pamɿrĩ Pinõ* levou os chefes de cada povo para mostrar as Casas das Emergências, no rio Uaupés, Tiquié, Papuri, onde emergiriam com seus povos. Depois, voltou para *Ohkó Diawi* e viu que tudo deu certo; entrou na Canoa da Emergência (*Pamɿrĩ Yohkosoró*), deu meia volta na Casa de *Ohkó Diawi* e, em seguida, partiu para outras regiões.

A Casa da Emergência de *Ohkó Diawi* foi o lugar sagrado que *Suniã Pãrãmĩ* preparou para criar e povoar alguns grupos indígenas. Já antes, havia planejado o número de povos que criaria e povoariam a região do Uaupés. Depois que a Canoa da Emergência foi embora, os grupos indígenas também saíram de *Ohkó Diawi* e viajaram para emergir nas Casas das Emergências espalhadas ao longo do Uaupés e seus afluentes. Cada povo estava acompanhado por outros povos que seriam seus primos: Desano, Tukano, *Bará*, *Pãñẽroã*, *Aũhĩrã*, *Eduria*, *Kawiria*, *Yahuana* etc. No final, todos os grupos se espalharam e povoaram em diferentes lugares do Uaupés.

Essa história continua.

A partir dessa história de origem dos povos do Uaupés, destacamos a existência de um Deus Supremo, Deus dos povos indígenas do Uaupés. Em Tuyuka, esse Deus é denominado de *Suniã Ñehkɿ* (Avô de *Suniã*), *Uhtã Ñehkɿ*, (Deus das pedras, montanhas, de tudo que é metal, ductível), *Bɿrekó Ñehkɿ* (Deus do Universo e Tempo, do dia e da noite).

A história também revela que foi *Suniã Pārāmĩ* que criou os pajés (*yaíwa*, *basera* e *mahsākɿra yaíwa*) para serem pilares espirituais dos povos do Uaupés; que entregou aos pajés os instrumentos sagrados (banco, tabaco, bastão de poderes, breu preto e branco, cuia, ipadu e *kahpi*) para que usassem em rituais espirituais; transmitiu os fundamentos espirituais dos rituais de pajelança; que orientou aos pajés para as pajelanças fossem utilizadas para prevenção, proteção e cura de doenças; que criou vários povos deste continente sob a ordem de *Suniã Ñehkɿ*; mostra que a Canoa da Emergência, chamado de *Pamɿrĩ Yohkosoró*, em Tuyuka, era o próprio ser espiritual *Pamɿrĩ Pinõ*.

A palavra *Pamɿrĩ* (em Tuyuka) vem da palavra *Pamɿré*, que significa coisas que emergem da água, algo que sai de dentro da água para superfície terrestre; e *Yohkosoró* significa canoa. Daí vem a denominação *Pamɿrĩ Yohkosoró* que, em português, pode ser chamada de Canoa da Emergência, vestimenta sagrada de *Pamɿrĩ Pinõ*. Sagrada porque dentro dela, da mesma forma que uma mãe carrega um bebê em seu útero, carregou seres humanos sob a proteção dos rituais de pajelança.

Essa história também apresenta princípios espirituais do ser indígena do Uaupés: das regras de patrilinearidade, da base espiritual do nascimento indígena, do ritual de nomeação; das Casas das Emergências e da *Bahsawi*; dos instrumentos e rituais de pajelança; dos pajés e mestres de músicas e danças tradicionais; da criação da primeira mulher indígena que se chamou *Kahpi Suniã Mahkõ*, da gravidez e do parto. A história de origem dos povos indígenas do Uaupés apresenta vários outros fundamentos do ser indígena do Uaupés. Para compreender melhor os valores espirituais existentes nessa história, é necessário que o leitor tente enxergá-lo com um olhar do sagrado, e não meramente com um olhar superficial ou mítico.

Recebido em 1º de julho de 2011

Aprovado para publicação em 25 de julho de 2011

